

**Gungunhana: Ualalapi e as mulheres do Imperador****Ungulani BA KA KHOSA\***

Quando chegaram a um dos outeiros mais próximos da aldeia os guerreiros suspiraram de alívio ao contemplar as casas esparsas por entre as árvores de raízes seculares, imersas num silêncio profundo, próprio daquela hora em que o Sol ultrapassava majestosamente a metade do céu sem nuvens, atirando os raios que causticavam os rostos, os dorsos e os troncos nus dos guerreiros, cobertos da cintura à parte superior das coxas por peles de animais bravios.

Ualalapi, à frente dos guerreiros, percorreu com um olhar a aldeia e pensou no doro, nome que leva o pombe preparado nestas terras dos Mundaus, a entrar pelas goelas abaixo, com um bom naco de carne, a sombra da frondosa árvore, tendo defronte a mulher atiçando o fogo e o filho brincando, enquanto a noite entrava, calma, trazendo consigo a Lua cortada e as vozes mais distantes de outros homens que seroavam, pervagando pelo mundo dos feitos nguni, em tempos de guerra e de paz.

Sorriu para os guerreiros que o acompanhavam, carregados de carne fresca, resultado da matança feita no interior das terras, e iniciou a descida por um carreiro sinuoso, alheio ao roçar insistente dos arbustos de metro e meio que se erguiam nas margens quando, a meio da descida, susteve o passo, obrigando os outros a parar e a aproximar-se, ladeando-o.

Dois pangolins, animais de mau agoiro, reluziam ao sol numa atitude de completa sonolência, a meio do carreiro. Ualalapi olhou de soslaio os guerreiros que o ladeavam e viu os mesmos olhos brilhantes, trementes, claros, ausentes. Nada disse. Passou a mão pela carne fresca, sinal de fartura e de bons presságios, e atirou os olhos aos pangolins, animais agoirentos como já ficou dito. E todos, como que petrificados pela imagem infausta, permaneceram na mesma posição, sentindo o sol a fulminar-lhes os corpos e os arbustos a atirar os ramos mais atrevidos que se dobravam ao contacto com os corpos, durante minutos prolongados, até que os pangolins, recobrando as forças, se retiraram do carreiro, deixando-o livre à passagem dos homens e à flutuação do pensamento que a todos atingiu.

Ualalapi pensou no filho e viu-o tirar da parede maticada o escudo de tantas batalhas. Mas por quê o filho, pensou, e não a mãe do filho que sempre lhe ofertou o corpo em noites de luar e em momentos por vezes impróprios à fornicção? Passou a mão pelo cabelo, tirou uma folha silvestre, olhou para as aves que voavam silenciosas, e sentiu um

---

\* Pseudónimo de Francisco Esaú Cossa (escritor e professor de Moçambique).

pequeno tremor no corpo. Não, ela não pode ser, pensou, deixei-a sã de corpo e espírito. E como mulher, mulher nguni, ela vaticina o seu destino. O meu filho também não, é impossível, pois como pode uma criança de pai e mãe nguni morrer inesperadamente aos dois anos, sem que esteja adestrada no trato das armas como os pais e avós? Não, é impossível, à sua família os ventos do infortúnio não chegarão tão já. Talvez a estes guerreiros, pensou, e viu-os cabisbaixos, como se temessem que a terra se lhes abrisse aos pés, tropeçando por tudo e por nada. A estes também não, pertencem ao vulgo, e ao vulgo a infelicidade sempre lhe surgiu, desde o princípio dos tempos, sem enigmas, às claras, como as suas vidas vulgares e sem história e destino senão o de nascerem para servirem aos superiores até à morte. A quem se dirige então este enigma se outra família não tenho que mulher e filho? Olhou para os guerreiros e viu-os na mesma posição rememorativa, pensando nas mulheres e nos filhos, ou nos pais e avós, atirados pelo império sem fim.

Enquanto pensavam nisto e naquilo, recordando coisas antigas e presentes, ligadas aos enigmas que a natureza coloca aos homens sem piedade, estugavam o passo em direção à aldeia que se avizinhava, deserta nas suas ruelas, sem outros ruídos que o rumorejar crescente das folhas das árvores e o altear desordenado da fumaça que saía em algumas cubatas onde o fogo teimava em agarrar-se aos troncos que a cinza atacava.

Aproximaram-se da cubata mais próxima e Ualalapi adiantou- -se. Uma mulher de meia-idade, sentada defronte à casa, amamentava uma criança.

– O que se passa, mãe? – perguntou Ualalapi, agachando-se e pondo a lança ao alcance da mão direita.

– Os mochos teimaram em serandar sobre as casas, chiando a toda a hora e trazendo os espíritos há muito adormecidos que perturbaram as nossas mentes e deram a morte a alguns – disse a mulher com um ar cansado, preocupada com o filho que mexia desordenadamente os pés e os olhos, tentando afastar as moscas que teimavam poisar.

– Morreu alguém da sua família?

– O meu marido.

– Lamento imenso, mãe... Lamento imenso. E os homens, por onde andam os homens?

– Quem terá coragem de andar nestes tempos?... Falam com os meus muzimos. Não morreu um homem, morreu o império.

– Quem mais é que morreu?

– Sabê-lo-ás. Os chefes como tu aguardam Mudungazi na praça.

– Certo. De que é que morreu o seu marido?

– De susto. Mas que importância tem a formiga perante o elefante?

– Quantas vezes a formiga não matou o elefante, mãe?

– E quantas vezes o crocodilo saiu da água, homem?

– Obrigado, mamã – disse Ualalapi, perturbado. Soergueu-se, agarrou na lança e virou-se para os guerreiros que o olhavam, cansados de esperar: – Ide guardar a carne e esperai qualquer ordem. Eu vou até à praça – e largou-os sem mais delongas, caminhando célere e alheio ao vento que ia levantando grãos de areia e folhas dispersas pelo chão, formando pequenos remoinhos que se alteavam em círculos desordenados, tocando amiúde o corpo de Ualalapi, coberto por uma camada de sangue e restos de folhas silvestres que se despegavam do corpo com a força do vento que carregava um cheiro estranho, sentido na zona nos tempos imemoriais em que homens de outras tribos viram as casas aluir com a força do vento e da chuva que cobriu a terra e os arbustos de água lodosa e cheirosa no momento que acabavam de enterrar um rei de Manica que vaticinado pelo seu swikiro – nome que os médiuns chonas levam – não tivera outro tempo de governação que o número de dias iguais aos dedos que as suas mãos carregavam. Mas foi tempo suficiente para medrar com as lautas refeições que pararam no dia fatídico em que morreu de congestão.

E Ualalapi pisava agora, a caminho da praça, o local onde o corpo do rei estivera estendido, no interior de uma cubata, sob o olhar atento dos maiores do reino que tinham o dever de assistir à putrefação do corpo para que os espíritos malvados não se apossassem de partes do corpo, aguentando durante dias e noites o cheiro insuportável da carne podre cujos líquidos caíam em vasilhas preparadas para o efeito.

Ualalapi levou a mão direita às narinas e entrou na praça. Olhou para o céu e viu as nuvens escuras e pesadas a descer das alturas. O vento zurzia as árvores altas e baixas. Acercou-se de Mputa, guerreiro que morreria de forma estúpida e inocente mas cujo rosto permaneceria na memória de todos, como o afirmaram ao pressagiarem o seu destino, sem, no entanto, detalharem as causas da sua morte, pois de histórias em que entram reis e rainhas, todos se apartam, até os swikiros que tudo prenunciam.

– O que é que se passa, Mputa?

– Morreu Muzila.

– Como?

– Dizem que morreu de doença, pois há várias noites que não tirava os olhos do teto da sua casa.

– Uma morte desumana para o nguni.

– Há quem afirme que o pai morreu da mesma forma.

– Não era o desejo deles, Mputa.

– Conheço poucos reis que morreram em batalhas.

– Mas todos afirmam que é a melhor morte.

– Quando se referem aos guerreiros.

- Pensas muito depressa.
- A guerra assim nos ensina, Ualalapi.
- Tens razão... Sentes este cheiro?
- É o cheiro da morte. Quando um rei morre, alguns súbditos devem acompanhá-lo.
- Falei com uma mulher que perdeu o marido.
- Houve outras mortes por aí. A velha Salama quando soube da morte do rei dirigiu-

se a uma das margens do rio e esperou pelos crocodilos dos seus antepassados que a vieram buscar meia hora depois de ela ter estado, sentada, contemplando as águas do rio. O velho Lucere morreu durante a sesta, devorado pelas formigas-gigantes que não deixaram um bocado de carne do seu corpo velho. Chichuaio, ao entrar em casa, viu-se rodeado de serpentes que lutaram pela posse do corpo. E há mais casos, é sempre assim.

- Eu sei, mas é incrível! Há quanto tempo aguardam Mudungazi?
- Desde o entrar da tarde. Este cheiro incomoda...
- É dos mortos há muito desaparecidos, Mputa.
- Os ossos não cheiram, Ualalapi.
- Mas os espíritos tudo podem fazer.
- Tens razão. Levantemo-nos. Mudungazi vai aparecer. A caça que tal foi?
- Boa. Há muita carne.
- Fartura no meio da desgraça.

– É isso – disse Ualalapi, limpando o corpo. As nuvens que ameaçavam a aldeia começaram a afastar-se, carregando o vento e o cheiro da morte que pairou sobre a aldeia durante a semana em que Ualalapi esteve no interior das terras de Manica.